

## O PROCESSO DE LEGITIMAÇÃO DOS BOIS-BUMBÁS DE PARINTINS: DAS RUAS À INSTITUCIONALIZAÇÃO

### THE PROCESS OF LEGITIMATION OF THE BOIS-BUMBÁS IN PARINTINS: FROM THE STREETS TO INSTITUTIONALIZATION

### EL PROCESO DE LEGITIMACIÓN DE LOS BOIS-BUMBAS DE PARINTINS: DE LAS RUAS A LA INSTITUCIONALIZACIÓN

David Wilson Pires Dagnaisser<sup>34</sup>  
Edilza Laray de Jesus<sup>35</sup>

#### RESUMO

O presente artigo busca através de fatos históricos descritos dos bois-bumbás de Parintins relacioná-los com a literatura vista na pós-graduação, com enfoque na obra de Robert Avé-Lallemant e sua descrição contida na obra “*Viagem pelo Norte do Brasil*”, bem como “*O magnífico Folclóre de Parintins*” do parintinense Tonzinho Saunier, que aqui serão trabalhadas, a fim de dar luz ao processo ocorrido em Parintins de legitimação através da institucionalização dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso. Quando estes deixaram as ruas onde se apresentavam e passaram a se apresentar em arena própria, conquistando um festival que originalmente não era feito para eles, ou somente por eles, mas tinha a participação das quadrilhas juninas que foram perdendo foco e dando espaço para o crescimento dos bois-bumbás e sua tomada de poder, passando a serem protagonistas do espetáculo.

**Palavras-chave:** legitimação, cultura popular, boi-bumbá.

#### ABSTRACT

The present article searched through historical facts described by the bois-bumbás of Parintins to relate them with the literature seen in the postgraduate study, focusing on the work of Robert Avé-Lallemant and its description found in his work called “*Viajem pelo Norte do Brasil*”, as well as “*O magnífico Folclóre de Parintins*” of the Parintinense Tonzinho Saunier, which will be worked here, in order to give light to the process that took place in Parintins of legitimation through the institutionalization of the Bois-Bumbás Garantido and Caprichoso. When they left the streets where they performed its show and began to perform in their own arena, conquering a festival that was originally not for them, or only for them but had the participation of the Quadrilhas Juninas that were losing focus and giving space for the growth of the bois-bumbás and its taking of power, to become the protagonists of the spectacle.

**Keywords:** legitimation, popular culture, boi-bumbá.

<sup>34</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas e bolsista CAPES. daviddagnaisser@gmail.com

<sup>35</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS e professora efetiva da Universidade do Estado do Amazonas - UEA. ejesus@uea.edu.br

## RESUMEN

El presente artículo busca a través de hechos históricos descritos de los bueyes de Parintins relacionarlos con la literatura vista en el postgrado, con enfoque en la obra de Robert Avé-Lallemant y su descripción contenida en la obra "*Viaje por el Norte de Brasil*", así como "*El magnífico Folklore de Parintins*" del parintinense Tonzinho Saunier, que aquí serán trabajadas, a fin de dar luz al proceso ocurrido en Parintins de legitimación a través de la institucionalización de los bueyes-bumbas Garantizado y Caprichoso. Cuando estos dejaron las calles donde se presentaban y pasaron a presentarse en la arena propia, conquistando un festival que originalmente no era hecho para ellos, o sólo por ellos, pero tenía la participación de las bandas juninas que fueron perdiendo foco y dando espacio para el crecimiento de los bueyes-bumbas y su toma de poder, pasando a ser protagonistas del espectáculo.

**Palabras clave:** legitimación, cultura popular, buey-bumbá

## 1 INTRODUÇÃO

A festa de boi-bumbá hoje intrinsecamente ligada a identidade do povo parintinense<sup>36</sup>, passou no decorrer de sua história por altos e baixos, das ruas à arena, de uma inocente brincadeira desinteressada até uma das maiores festas culturais competitivas a céu aberto do mundo.

Essa história, por muitos desconhecida, está cheia de fatos que nos revelam um pouco mais sobre seu passado, bem como do processo de legitimação percebido no mesmo, quando este formalmente deixou de ser realizado nas ruas, a marginalidade, e passou a ser apresentado em um local específico, conhecido localmente por “bumbódromo”<sup>37</sup>.

O bumbódromo que completou 30 anos de fundação em 2018, é tido como “arena” (local de duelo), no qual ambas agremiações se reúnem todos os anos para disputarem o título de campeão do festival da cidade de Parintins.

Esta “legitimação” aqui pontuada, encontra amparo nas palavras de Thompson (1995) pois entendia que relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem representadas como legítimas, ou seja, como justas e dignas de apoio, como é o caso dos defensores de uma “alta cultura”.

<sup>36</sup> Parintinense refere-se a toda pessoa natural de Parintins.

<sup>37</sup> Bumbódromo é uma grande arena construída em Parintins pelo governo do estado em 1988, com capacidade para 12,2 mil pessoas.

Quando se fala em algo legitimado, deduz-se a existência de um instrumento legitimador e nesse âmbito no decorrer da pesquisa e vivência em Parintins, se fez notável a presença do estado como poder moderador e mediador tanto no presente, quanto no passado, seja por seu “apoio”, seja pela tomada de poder percebida quando este passou indiretamente a controlar algo antes familiar como os bois-bumbás Garantido e Caprichoso.

O texto a seguir foca não só na história e origem do boi-bumbá e sua difusão na pequena ilha parintinense, mas no processo de institucionalização, percebido aqui como legitimação, onde os bois-bumbás Garantido e Caprichoso, antes concebidos e realizados por famílias comuns da cidade nas ruas de Parintins, passaram a estar sob o poder e domínio do estado.

## 2 DO BOI-BUMBÁ E O AUTO DO BOI

A origem do boi-bumbá no Brasil foi registrada por pesquisadores. Dentre eles destaca-se a obra de Robert Avé-Lallemant, como uma das pioneiras a descrever sobre a manifestação cultural no norte do país, em sua obra denominada: “*Viagem pelo Norte do Brasil*” durante o ano de 1859, e em obras de escritores parintinenses como a de Tonzinho Saunier intitulada “*O magnífico folclore de Parintins*”.

A obra “*Viagem pelo Norte do Brasil*” de Lallemant, é um marco para os estudos Amazônicos, principalmente das festas juninas e do boi-bumbá, que já aconteciam na Amazônia naquele tempo, bem como das tradições religiosas que fazem parte da região até os dias de hoje, através de seus relatos das festas de São Pedro e São Paulo.

De modo breve, a descrição de Lallemant é rica, pois não conta somente com uma descrição do que viu, mas dos versos registrados por ele dessas manifestações culturais, com elementos incrivelmente similares ao auto do boi em Parintins.

Seu estudo descritivo auxilia para uma melhor compreensão dos movimentos e traços de cultura já existentes em meados do século XIX, uma vez que são escassos os registros literários a Amazônia naquela época.

A semelhança do fato folclórico de bumbá presenciado por Lallemand com o auto do boi-bumbá Garantido, realizado em Parintins ao decorrer de sua história, é algo a ser trabalhado nesse texto. Visto a presença indubitável de elementos que aproximam estas festas tão distantes no tempo, mas tão parecidas, quanto a sua execução e finalidade. Como destaca Braga (2002, p. 67): “[...] o auto do boi ou a comédia do boi, originalmente uma composição do negro, índio e branco, adquiriu em Parintins motivos novos, resgatando a cultura indígena, dignificando o índio, sobretudo a mulher índia”

Abaixo na toada (canção de boi) intitulada “*Auto do Boi*”, composta por Enéas Dias (2012) podemos ter uma compreensão melhor, da celebração de morte que o boi-bumbá Garantido celebra todos os anos, tradicionalmente após a festa de Nossa Senhora do Carmo<sup>38</sup> no dia 17 de julho.

*Chico matou o meu boi mais bonito da fazenda. Chico matou meu boi, galopa vaqueiro vai dele buscar vida, sangue ou ponta de barba. Depois de te batizar. Ao som desse negro batuque. Te envio a guerrear. Mãe Catirina tihosa. Pai Francisco e Gazumbá Se ela comer essa língua, pra desejo saciar. Bóto fé no pajé curandeiro pro meu boi ressuscitar.*

A toada vista acima conta de modo sucinto sobre a morte do boi Garantido, quando este foi morto por “Chico” (Pai Francisco), para satisfazer os desejos de mãe Catirina de comer a língua do boi, até a perseguição a pai Francisco por este ter matado o boi preferido do fazendeiro e a aparição do Pajé<sup>39</sup>, que buscado, veio em socorro ao boi morto a fim de trazê-lo de volta a vida. Vale ressaltar que a celebração de morte do boi, marca também para o boi Garantido o fim de suas atividades no ano.

O boi-bumbá tem suas raízes no nordeste do Brasil, sendo posteriormente trazido a terras amazônicas juntamente com seus migrantes no período da borracha. E, como aludido anteriormente, dada a baixa descrição literária, pode-se somente especular sua data de difusão no norte do país, em meados das primeiras décadas do século 20.

---

<sup>38</sup> Nossa Senhora do Carmo é considerada a padroeira de Parintins pela população local e a ela, é atribuída um culto festivo com duração de 10 dias na cidade iniciando dia 06 de Julho e terminando no dia 16 de julho.

<sup>39</sup> Pajé no festival folclórico de Parintins, é a figura que representa o xamã, aquele escolhido dentre seu povo para exercer funções sacerdotais, como comunicação com espíritos, curandeiro da aldeia.

Com base no descrito a brincadeira de boi-bumbá, assemelha-se com a “tradição inventada” de Hobsbawm (2006), dada a dificuldade de se localizar com precisão sua inserção ou data de origem pela Amazônia.

*[...] conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM e RANGER, 2006, p. 9).*

A repetição é garantia da continuidade do passado histórico de acordo com o autor, e o boi-bumbá de Parintins destaca-se singularmente, pois articula um complexo esquema de trocas envolvendo as mais diversas culturas existentes mundo afora, com o protagonismo dos indivíduos que delas (culturas) fazem parte, e, que muitas vezes não têm a dimensão da dinamicidade que essas articulações provocam na cultura local.

Os envolvidos direta e indiretamente com a brincadeira dos bumbás (brincantes, moradores etc.) adquirem conhecimentos, costumes e hábitos singulares uns com os outros, em um sistema de trocas dentre as diversas culturas, graças ao encontro dos bumbás e da incomensurável capacidade de absorção de “nós” enquanto seres pensantes. Visto que reúne visitantes de outras cidades, países, ou até mesmo de moradores locais, porém, com culturas por assim dizer “diferentes”.

Ressaltando que em direcionamento contrário ao que aponta o senso comum, essas culturas/pessoas não perdem valores e identidades próprias de sua cultura (dado o encontro massivo de seres distintos nessa festividade), mas as ressignificam constantemente, ou seja, contraem novas configurações para si, como aponta Sahlins:

*Do mesmo modo, as técnicas para se compreender as culturas classicamente estudadas pela antropologia não possuem uma relevância eterna. À luz das transformações históricas globais, a crítica pós-modernista da etnografia tem uma certa pertinência. Mas seu corolário não é o fim da "cultura", e sim que a "cultura" assumiu uma variedade de novas configurações, e que nela agora cabe uma porção de coisas que escapam ao nosso sempre demasiado lento entendimento. Em lugar de celebrar (ou lamentar) a morte da "cultura", portanto, a antropologia deveria aproveitar a oportunidade para se renovar, descobrindo padrões inéditos de cultura humana. (SAHLINS, 1997, p. 58)*

Destarte, ambos autores, Hobsbawm e Sahlins, contrapõem-se a entendimentos deturpados, como o de que culturas são elementos estáticos, que chegariam a um fim pré-determinado (morte), devido inúmeros fatores, como, por exemplo, a globalização hegemônica ou o inesperado contato com outras culturas.

O uso de versos em forma de canto sempre foram marca registrada dos bois-bumbás, quando as apresentações ainda eram realizadas pelas ruas da cidade ao redor de fogueiras, com os famosos duelos movidos pela rivalidade entre os dois, até os dias de hoje, sendo apresentados na arena nos 3 dias de festival folclórico, por ambas agremiações folclóricas (Garantido e Caprichoso).

O ponto alto é a apresentação do “Amo do Boi”<sup>40</sup> que canta versando em tom provocativo direcionado ao boi rival (Caprichoso).

*O Garantido cantava: “Se eu te pegar, boi contrário/Te esfolo igual a jacaré/Tiro toda a carne de fora/Só deixo a caveira em pé.” E o Caprichoso respondia: “(...) Olha povo contrário, você tem que manter respeito/Você mora no mato, num lugar pantanoso/Eu moro na cidade, caboclo imundo, invejoso...” (Revista Istoé, 2005).*

Também Lallemand (1980) em sua obra discorre a respeito do uso de versos na manifestação folclórica presenciada por ele, com precisão de detalhes ao que seria o sofrimento, não só do boi de pano folclórico que estava ali desfalecido, mas das pessoas que faziam parte do espetáculo dramático.

*Enquanto o coro acompanha o compasso do batuque, entoando uma espécie de bocca chiusa monótona, o pajé, o feiticeiro, avança em passo de dança para o seu par e canta:*

*O boi é muito bravo*

*Precisa amansá-lo*

*[...] Por fim o boi fica manso, quieto, absorto, desanimado, cai por terra, e no mesmo instante tudo silencia. Reina em volta um silêncio da morte! Que aconteceu ao boi? Está morrendo ou já está morto, o bom boi, que ainda há pouco representava tão bem seu papel? Chamam depressa outro pajé para socorrê-lo [...] Este começa a cantar diante do boi uma melodia muito sentida, que porém não produz efeito. O boi não se mexe. Ensaia uma melodia esconjuratória ainda mais eficaz, mas em vão; o boi imóvel! [...] o boi está morto. (LALLEMAND, 1980, p.107)*

<sup>40</sup> Amo do Boi representa o dono da fazenda e no Festival Folclórico de Parintins tem a função de recitar versos em desafio ao boi contrário (oposto), de exaltação do próprio boi ou ainda que discorram sobre a temática do ano vigente.

A narrativa do boi de pano Lallemand difere do auto do boi Garantido ao chamar à cena um segundo Pajé e o Garantido ter apenas um. O autor descreve que o primeiro falhara em seu papel crucial de trazer ânimo e saúde ao boi. Sendo assim, entra em cena um segundo pajé, que também não obtém êxito, e, de modo semelhante como ocorre no auto do bumbá Garantido, ambos os bois vão a óbito.

O espetáculo então cumpre com seu papel de massificar e arraigar o sentimento de perda entre os componentes da festividade dos bois, por serem (presumivelmente) amados, admirados e cultuados pelos presentes. “Como, por fim, todos devem estar convencidos da triste realidade da morte do boi, decidem-se, como último grande ato, por uma intimação geral cantada: chora o boi já vai-se embora, isto é, vai ser enterrado.” (LALLEMANT, 1980, p. 108).

Neste exato momento a similaridade em ambos espetáculos se estreita, visto que tanto o presenciado por Lallemand, quanto o auto do boi Garantido chegam ao seu ápice, os bois folclóricos morrem, e, de forma inesperada, são saudados com sentimento de perda e emoção similar a perda (morte) de um ente familiar por quem se nutre grande estima.

*E partem, cantando e batucando, com o seu boi, enquanto este. Exatamente como um herói morto de teatro, depois de cair o pano, resolve, por uma louvável consideração, acompanhá-los com os próprios pés, isto é, com os que o tinham trazido; para na primeira esquina, e assim repetidamente, até altas horas, morrendo cinco ou seis vezes na mesma noite. (Id. Ibid, p.108)*

O gesto de solidariedade registrado por Lallemand do indivíduo que dá a “verdadeira vida” ao boi. Isto é, da pessoa que fantasia-se de boi folclórico, também assemelha-se ao que acontece todos os anos na pequena cidade de Parintins no auto do boi Garantido, quando o popularmente conhecido na cidade como “tripa do boi”<sup>41</sup>, após a morte do mesmo, acompanha os demais brincantes e foliões, pondo-se a caminhar como forma de homenagem ao falecido boi folclórico.

---

<sup>41</sup> Tripa do boi é como é conhecido o indivíduo que ficando por baixo da fantasia de boi, dá vida a este, sendo o responsável por seus movimentos.

## 2.1 DAS RUAS À INSTITUCIONALIZAÇÃO: O FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS

Em se tratando do festival folclórico, sua criação se deu no ano de 1965, por um grupo de amigos ligados a Juventude Alegre Católica (JAC). No seu início as quadrilhas locais protagonizavam o festival (cerca de 22) e os bumbás se apresentaram na condição de coadjuvantes.

Assumindo seu protagonismo somente no ano seguinte, em 1966, devido à notoriedade que estes receberam através de sua participação conjunta em um mesmo lugar, o que era incomum na época dada sua rivalidade exacerbada.

De fato, não levaria muito tempo até que os bois-bumbás ganhassem maior destaque e simpatia junto à população, passando de coadjuvantes a protagonistas do festival folclórico de Parintins, e, muito provavelmente, essa mudança só foi possível pela concordância dos bois rivais de fazerem parte do festival de modo pacífico.

O festival acontecia inicialmente no dia 12 de junho, tendo cerca de 10 noites de duração e não 3 como acontece hoje. No ano de 1975, a prefeitura municipal de Parintins assumiu a organização do festival e desde então se deram as disputas oficiais entre os bois.

O Festival de Parintins teve início no dia 12 de junho de 1966, como o primeiro Festival Folclórico oficial. O local foi a quadra da catedral e ali foram realizados mais oito festivais. A partir dessa data, os bois-bumbás Garantido e Caprichoso adquiriram caráter competitivo durante as suas apresentações, com vistas a conquista da simpatia popular e do julgamento final que acarretaria o título de melhor do Festival. (BRAGA, 2002, p. 28)

A partir de então, a festa deu seus primeiros passos em direção a sua institucionalização, os bois-bumbás que outrora pertencentes a pessoas comuns da cidade (seus criadores), passou a atrair cada vez mais os olhares dos indivíduos de poder, a começar pela prefeitura, até o governo do estado assumi-la inteiramente.

O festival Folclórico de Parintins foi ganhando projeção nacional principalmente após a primeira transmissão em rede televisiva. Em contrapartida, as demais festividades da cidade como as pastorinhas e as quadrilhas, foram perdendo espaço e passando a subsistir nas sombras desta festividade de maior porte.

No ano de 1988 foi fundado o Centro Cultural de Parintins (Bumbódromo) na gestão do então prefeito Gláucio Gonçalves, local onde passou a ser palco da disputa entre os bois-bumbás Garantido e Caprichoso.

O Bumbódromo funcionava ainda como centro desportivo, onde eram realizadas competições dos jogos escolares de Parintins, contando com capacidade inicial de 12,2 mil pessoas e, após reforma no ano de 2013 de cerca de 15 mil pessoas, passando a funcionar no local também: a biblioteca Fred Góes com acervo inicial de 10 mil obras, filmes, equipamentos de acesso à internet; a Galeria de Artes Jair Mendes e Vandir Santos.

## **2.2 ORIGEM DOS BOIS-BUMBÁS DE PARINTINS: LEGITIMAÇÃO PELO FATOR IDADE E RECONHECIMENTO DE CRIAÇÃO**

A história dos bois-bumbás de Parintins remete ao início do século 20, como uma brincadeira que acontecia pelas ruas da cidade, sem qualquer registro formal.

Do lado vermelho (Garantido), a história contada e documentada vem dos descendentes de Lindolfo Monteverde, criador do boi Garantido, que narram que a brincadeira de boi-bumbá é oriunda de uma promessa feita por ele (Lindolfo) ao santo católico São João, quando este fora acometido de uma doença, chamada malária. Daí uma das designações ao Garantido como sendo o boi da promessa.

Deve-se observar que as versões sobre o surgimento dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso fazem menção a uma promessa feita a São João por um dono ou amo de boi, com a finalidade de receber uma graça, no caso em função de doença- de que foi acometido Lindolfo Monteverde- ou para alcançar êxito na nova terra, como acontecera aos irmãos Cid. (BRAGA 2002, p. 354)

A promessa era advinda de um desejo antigo do menino, que se encantava com as manifestações folclóricas dos nordestinos, residentes na periferia de Parintins. Como consta no artigo publicado pelo Jornal Acrítica, acerca das origens do boi Garantido.

Na entrevista, inicialmente a senhora Maria do Carmo Monteverde, única filha viva de Lindolfo Monteverde fala: *“Ele queria brincar de boi. Os avós perceberam a vontade dele, a criatividade que ele tinha, e o ajudaram. Minha avó dizia que ele só falava nisso”*. (acrítica, 2013)

Em seguida Dé Monteverde, neto de Lindolfo Monteverde, afirma que enquanto criança, Lindolfo insistia com sua família para que o ajudassem a levar para a rua a brincadeira de boi, porém sem sucesso: *“começou com um boi forjado em Curuatá (casca que envolve o cacho dos frutos da palmeira inajá), já era mais do que sólida apenas pela paixão de Lindolfo pela arte. Mas se fortaleceu de vez na promessa que ele fez a São João Batista”* (acrítica, 2013).

Quanto ao nome do boi, é originado de um diálogo do menino Lindolfo com sua mãe Alexandrina, na insistência de levar a brincadeira do boi-bumbá para a rua, mas ela, sabendo da responsabilidade que envolvia realizar tal ato, o questionou: *“Acho que você não se garante, Lindolfo”*. E ele retrucou: *“Eu me garanto”*. (acrítica, 2013). E assim nasceu o boi Garantido, que, anualmente reafirma a promessa feita pelo menino Lindolfo, saindo nas ruas todo dia 24 de junho para festejar São João.

Inegavelmente, como dito anteriormente, há mais evidências que apontam para a realidade do boi da baixa (Garantido). Dentre elas destacam-se, desde suas toadas utilizadas como prova histórica de legitimação como: *“Sonho de liberdade”* composta por Tadeu Garcia (1999), que em sua letra traz a fala de Lindolfo Monteverde (criador do Garantido): *“Boi Garantido, é histórico, é sabido, que mestre Lindolfo Monteverde, aos 18 anos de idade contigo sonhou Boi Garantido, sonho de Lindolfo Monteverde, do poeta a oitava maravilha, se realizou”*.

Entretanto o lado vermelho não encontra apoio histórico somente em suas próprias toadas, mas na literatura escrita por parintinenses como a obra *“O magnífico folclore de Parintins”*, de autoria de Antônio Pacífico Siqueira Saunier, localmente conhecido por Tonzinho Saunier publicado em 1989.

A obra conta com as pesquisas deste acerca dos mitos, lendas e, sobretudo, das manifestações folclóricas na Amazônia e traz ainda como destaque entrevista de Lindolfo Monteverde, registrada no dia 21 de junho de 1970 e posteriormente publicada no jornal *“A Tribuna”*, onde Saunier era colunista. *“Eu tinha 18 anos em 1920, quando coloquei pela primeira vez o novilho, que completa este ano (1970) 50 anos de existência e por isso estou alegre. O Garantido sucedeu o boi Fita Verde, do meu compadre Izídio Passarinho, do Aninga”*. (Saunier apud Lindolfo, 1989).

Do lado azul, existem duas vertentes: uma registrada pela escritora Odineia Andrade e outra dos descendentes do senhor Luiz Gonzaga. A versão da escritora é ratificada pela diretoria do boi Caprichoso, e, relata que o boi foi fundado em 1913 pelos irmãos Cid: João Roque, Félix e Raimundo. Estes eram naturais de Crato – CE e, ao se mudarem para Parintins, por ocasião do ciclo da borracha, teriam feito igualmente uma promessa a São João para obter prosperidade na nova cidade. O nome Caprichoso teria sido sugestão do advogado Furtado Belém, em homenagem a outro boi-bumbá que existia na Praça 14, bairro da cidade de Manaus segundo relato da mesma.

Entretanto, recentemente, com o surgimento de uma nova versão, a história fica mais controversa, o relato a seguir vem dos descendentes do parintinense Luiz Gonzaga, que em 2013 realizaram manifestação buscando o reconhecimento de seu pai como verdadeiro fundador do boi Caprichoso.

Como registrado em *“Família Gonzaga exige reconhecimento do Patriarca como fundador do Boi Caprichoso”*, Marcos Gonzaga da Gama (neto de Luiz Gonzaga) afirma: *“Estamos atrás da verdade e queremos que a justiça prevaleça quanto à história do Caprichoso. O verdadeiro criador do Boi é Luiz Gonzaga, queremos mostrar a nossa versão dos fatos, mas a imprensa não abriu as portas, por isso fomos para rua”*. (Amazônia na Rede, 2013)

Na entrevista em questão, a senhora Maria Inácia Gonzaga, filha do suposto fundador (Luiz Gonzaga), afirmou que os irmãos Cid foram na realidade fundadores do Boi Galante, em 1913, enquanto seu pai teria fundado o Caprichoso em 1925.

Maria inácia relatou ainda seu descontentamento não só com a falta de reconhecimento de seu pai, mas o fato dos atuais dirigentes do boi Caprichoso optarem por legitimar como verdadeiro criador alguém externo, de outro estado e não seu pai, nascido e criado em Parintins.

*Querem colocar uma pessoa de fora para fundador do Boi em vez de valorizar quem é da terra, isso é falta de respeito. Meu pai é parintinense, o Caprichoso nasceu em 1925, na Rua Rio Branco, onde ainda moram filhos e netos de Luiz Gonzaga. (Amazônia na Rede, 2013)*

Acima torna-se claro o surgimento de um novo fator: o local de nascimento como legitimador de um discurso que busca a efetivação de seu argumento através da naturalidade do indivíduo.

A mesma ainda aponta para um aspecto cultural ligado a gênero percebido por ela em Parintins com relação a brincadeira de boi-bumbá e o fato desta ser naquela época, voltada, mantida e gerenciada apenas por homens.

*Meu pai fundou esse Boi e sofreu para mantê-lo, passava fome para sustentar os brincantes, além dos oito filhos que tinha. Antes do Caprichoso ter dinheiro, ninguém queria o Boi. Depois de 1963, época que meu pai faleceu, meu marido Nilo Gama dirigiu o Caprichoso por dois anos, mas como tinha muitas brigas, deixou. Não pudemos ficar com o Boi porque éramos mulheres e naquela época Boi era só para os homens. (Amazônia na Rede, 2013)*

Sendo assim, a partir do exposto com relação as origens dos bois-bumbás, o centenário de ambos e sob minha análise como morador da cidade, o fator “idade” entraria numa espécie de jogo, em que nenhum lado aceita ter menos idade que o outro, uma vez que, isso significaria uma derrota e perda de respeito dentre seus torcedores e motivo de escárnio pela torcida rival.

### **3 ASPECTOS DA CULTURA POPULAR EM PARINTINS E A LEGITIMAÇÃO VIA ESTABELECIMENTO DE TERRITÓRIO**

Quando dois movimentos distintos, ambos oriundos da cultura popular entram em um embate por legitimação e reafirmação sobre quem de fato seria o mais antigo boi da cidade, entre o conhecido “boi da elite” (Caprichoso) devido ter sua origem nos bairros mais nobres da cidade, onde inclusive conta com um maior número de torcedores, contra o também popularmente chamado de “boi do povão” (Garantido), este por ter sua origem nos bairros mais periféricos da cidade, conhecido como baixa do São José, onde este encontra um maior número de torcedores.

Revelando que de fato um aspecto cultural socialmente construído e difundido através de um movimento folclórico foi absorvido pela população de tal maneira a dividir a cidade entre o lado vermelho e o lado azul.

A literatura constantemente nos relata acerca de embates no passado e presente entre cultura popular (marginalizada) e cultura erudita (elitizada), e mais que isso, como uma foi descrita (em sua origem) como uma resposta a outra.

A cultura popular tão constantemente utilizada para descrever e entender de modo mais fiel, fatos históricos, é analisada por Peter Burke (1995) como elemento em constante transformação, impossível de se encaixar em um único conceito, definição ou significado.

*Cultura é uma palavra imprecisa, com muitas definições concorrentes; a minha definição é a de 'um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados'. A cultura nessa acepção faz parte de todo um modo de vida, mas não é idêntica a ele. Quanto a cultura popular, talvez seja melhor de início defini-la negativamente como a cultura não oficial, a cultura da não elite, das "classes subalternas", como chamou-as Gramsci. (BURKE, 1995, p. 25)*

Nessa linha de pensamento Ginzburg discorre sobre cultura popular a entendendo como um conjunto de códigos, crenças e atitudes próprios das classes subalternas.

A cultura popular, segundo Ginzburg, se define antes de tudo pela sua oposição à cultura letrada ou oficial das classes dominantes, o que confirma a preocupação do autor em recuperar o conflito de classes numa dimensão sociocultural globalizante. Mas a cultura popular se define também, de outro lado, pelas relações que mantém com a cultura dominante, filtrada pelas classes subalternas de acordo com seus próprios valores e condições de vida. (CARDOSO, VAINFAS, 1997 p.152)

Partindo dessa acepção, subentende-se que a cultura popular, sob a ótica da cultura letrada e dominante, seria a cultura marginalizada, excluída e subalterna e que o fator “letrada”, apontaria para uma diferenciação entre ambas.

Destarte, o que pode ser percebido em Parintins com base na prévia descrição, com relação aos bois-bumbás folclóricos, é um embate fora do comum entre segmentos de um mesmo lado da moeda (cultura popular), em uma busca por legitimação onde o fator idade serviria de base nesse contexto para se saber quem dentre ambos obteria mais respeito.

Entretanto apesar de ambos estarem em uma mesma posição, o discurso visto até os dias de hoje com relação aos bois, é que o Caprichoso representaria o boi da elite, ou seja, torcedores de maior poder aquisitivo. Enquanto o boi Garantido representa os de menor capital financeiro moradores dos bairros mais periféricos.

*Em uma das suas várias apresentações, ele disse pela primeira vez que o Garantido “era o mais querido”, que “era do Boi do Povão”, e questionou a galera com a expressão: “Quem é Garantido levanta o braço”. Zé Maria, representante do Caprichoso, não gostou muito do que o “contrário” disse e resolveu rebater. E para não ficar por baixo, resolveu fazer uma segregação social e chamou a galera do Garantido que morava na Baixa de São José de pés rachados, ou seja, de “perrechés”<sup>42</sup> (Jornal acrítica, 2016)*

O discurso descrito, apesar de enraizado dentre parte da população local, teve sua origem também pautada na rivalidade típica dos bumbás, reflexo da aversão gerada e difundida de uma torcida para com a outra.

Importante ressaltar que toda disputa ocorrida entre os dois bois-bumbás (Garantido e Caprichoso), a rivalidade, as rixas e as brigas, não se davam somente de forma simbólica.

*O poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer crer, de confirmar ou transformar a visão de mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 1989, p. 14-15).*

Mas em embates físicos entre ambas organizações e seus respectivos torcedores, pelas ruas da cidade como apontado abaixo.

*É certo que, ainda que outros bois tenham surgido nessa época, para a comunidade, Garantido e Caprichoso vão se diferenciando dos outros justamente por essa disputa pelo espaço da cidade e dos brincantes, pelos duelos apoteóticos, através de versos cantados pelos seus trovadores, que acabavam em briga e pancadaria, levando muitos para a cadeia municipal. (CARDOSO, 2016).*

<sup>42</sup> O termo “perrechés” é designado aos moradores da conhecida baixa de Parintins, significando pés rachados, devido a esta área ficar parcialmente alagada durante um período do ano naquela época.

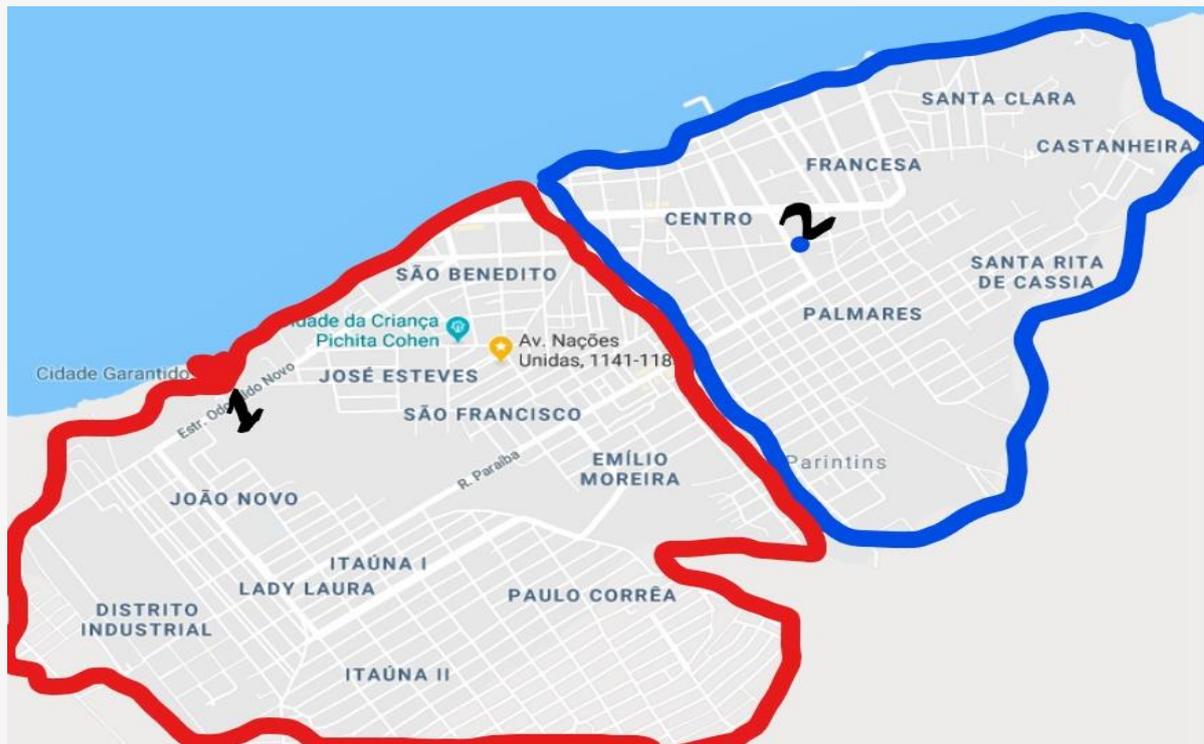


Figura genérica demonstrando a divisão de território dos bois bumbás o lado vermelho representando o território do garantido e o lado azul demonstrando o território do boi caprichoso. O ponto número 1 mostra a localização da arena do boi-bumbá Garantido, o ponto número 2 mostra a localização da arena do boi-bumbá caprichoso.

Como descreve Valentin sobre a divisão percebida na cidade de Parintins demarcando o que seria o território do boi azul (Caprichoso) e do boi vermelho (Garantido):

Geograficamente, a cidade se divide em duas, refletindo a dualidade dos Bois. Além das casas, árvores, postes e mobiliário urbano marcam a parte da cidade onde cada Boi tem sua sede e a maioria de seus torcedores. O 64 Garantido foi fundado na parte da cidade conhecida como Baixa do São José, rio acima, a oeste e até hoje ocupa vigorosamente esse espaço; é lá que está sua nova sede administrativa, os galpões da Cidade Garantido, o "curral" dos ensaios [...] - tudo muito vermelho. Já o Caprichoso mais próxima ao centro da cidade, onde ficam também seus galpões, ateliês, sede social e "curral" de ensaios. Tudo, é claro, temperado com muito azul. Dividindo as metades da cidade, numa linha imaginária, estão suas duas maiores e mais imponentes construções: a Catedral de Nossa Senhora do Carmo e a arena do Bumbódromo, erguendo-se como duas sentinelas e símbolos máximos dos dois extremos parintinenses: o mais sagrado e o mais profano. (VALENTIN, 2005, p. 76)

Interessante pontuar que as arenas de cada boi-bumbá, são popularmente mais conhecidas e nomeadas pela população local como “currais”, sendo respectivamente: o curral do boi Garantido e o curral do boi Caprichoso, aproximando ainda mais o fato folclórico imaginário da realidade.

Dessa maneira, fica evidente que o aspecto território, foi se estabelecendo de modo simbólico entre a população da cidade. De um lado moradores (torcedores do Boi Caprichoso) englobando áreas da cidade como os bairros Francesa, Santa Clara e Santa Rita e do outro os moradores torcedores do Boi Garantido englobando os bairros popularmente conhecidos na cidade como da “Baixa” dentre eles estão São Benedito, São José, Senador José Esteves, João Novo, Djard Vieira. etc.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que o boi-bumbá em Parintins desde sua concepção, passou por inúmeras mudanças, perdeu elementos, acrescentou outros. Saiu das ruas e foi para as arenas, adequou-se a padrões deste exigidos para que recebesse a consagração que alcançou.

Contrariando visões mais românticas, este deixou de ser apenas uma brincadeira e passou a ser uma competição, seus componentes sempre esperam a vitória, nunca a derrota. Logo, como sustentar o discurso “brincadeira” em uma competição onde há anualmente um campeão e um derrotado?

Conclui-se que, esta “brincadeira” que teve sua origem pautada na simplicidade das ruas, completamente despreendida de quaisquer anseios por capital financeiro, hoje se encontra institucionalizada por agentes do poder social (o estado), e completamente readequada aos padrões midiáticos que dela a fizeram conhecida, e esta por fim, os levaram a institucionalização.

Não obstante, fica claro que o boi-bumbá não deixou de ser menos folclórico ou ter menos cultura por transformar-se ao longo de sua história, mas que sua institucionalização marcou o fim de uma era, um ponto de mudança crucial entre uma brincadeira para algo padronizado como uma competição em uma arena, e, por fim, que sua rivalidade antes de

tudo arraigada nos indivíduos que fazem parte desse pedaço de cultura, o levaram talvez ao sucesso e consagração que este alcançou.

## 5 REFERÊNCIAS

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem pelo Norte do Brasil**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Os bois-bumbás de Parintins. Rio de Janeiro: FUNARTE/EDUA, 2002.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Jorcemara Matos. **O discurso de resistência em meio à espetacularização do Festival Folclórico de Parintins**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos – UFScar. São Paulo-SP.

DIAS, Enéas. **Auto do Boi**. Boi-Bumbá Garantido. Parintins, 2013.

GARCIA, Tadeu. **Sonho de liberdade**. Boi-Bumbá Garantido, 1999.

HOBSBAWM, E. & Ranger, T. (2006). **A invenção das tradições**. 4 ed. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. São Paulo: Editora Paz e Terra.

SAUNIER, Tonzinho (1989). **O magnífico folclore de Parintins**. Manaus: Imprensa Oficial.

SAHLINS, Marshall. **O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um “objeto” em vias de extinção (parte1)**. 1997

VALENTIN, Andreas. **Contrários: a Celebração da Rivalidade dos Bois-bumbás de Parintins**. Manaus: Valer, 2005.

**A grande farra do boi**. Revista Istoé. Disponível em [https://istoe.com.br/7208\\_A+GRANDE+FARRA+DO+BOI/](https://istoe.com.br/7208_A+GRANDE+FARRA+DO+BOI/) Acesso em: 02 de dezembro de 2018

**Boi de promessa: Garantido nasceu da teimosia de Lindolfo Monteverde**. Disponível em <https://www.acritica.com/channels/especiais-3b7127e7-0b22-4a69-b4a5-7fecfe9c0f00/news/boi-de-promessa-garantido-nasceu-da-teimosia-de-lindolfo-monteverde/> Acesso em: 20 de novembro de 2018

**Família Gonzaga exige reconhecimento do Patriarca como fundador do Boi Caprichoso. Amazônia na rede. Disponível em**

**<https://amazonianarede.com.br/familia-gonzaga-exige-reconhecimento-do-patriarca-como-fundador-do-boi-caprichoso/>** Acesso em: 27 de abril de 2019

**Os ‘perrechés’ da Baixa do São José: conheça o reduto do boi Garandito. Acrítica.**

Disponível em **<https://www.acritica.com/channels/parintins-2016/news/sexta-os-perreches-da-baixa-do-sao-jose-conheca-o-reduto-do-boi-garandito/>** Acesso em: 28/04/2019